

OS TRABALHOS DE CAMPO E AS EXPEDIÇÕES GEOGRÁFICAS COMO METODOLOGIAS DE ENSINO NA GEOGRAFIA

FIELD WORK AND GEOGRAPHIC EXPEDITIONS AS TEACHING METHODOLOGIES IN GEOGRAPHY

TRABAJO DE CAMPO Y EXPEDICIONES GEOGRÁFICAS COMO METODOLOGÍAS DE ENSEÑANZA EN GEOGRAFÍA

Waldemir Lima dos Santos

Professor Associado da Universidade Federal do Acre; Professor do Curso de Graduação e do Programa de Pós-Graduação em Geografia - PPGEO/UFAC. Doutorado em Geografia -UFMG.

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-5306-5612>

E-mail: waldemir.santos@ufac.br

RESUMO

Este trabalho apresenta um resgate histórico do quantitativo de publicações em revistas e periódicos realizadas no Brasil com a temática “trabalho de campo em geografia” no período de 1940 a 2020. Dados de 1940 a 2006 foram coletados do trabalho de Cavalcanti (2011) e, de 2006 a 2020 constou de pesquisa utilizando-se do aplicativo de busca Google Acadêmico. As contribuições das expedições geográficas, como metodologias no ensino de Geografia, foram demonstradas pelos discentes-participantes da 2ª edição realizada no ano de 2018, fornecendo dados sobre as impressões positivas e negativas da atividade por meio do preenchimento de formulários. Concluiu-se que tanto as atividades de campo como as expedições geográficas são tidas como fundamentais para a formação acadêmica e profissional.

Palavras-chave: formação acadêmica; ensino de geografia; atividades práticas.

ABSTRACT

This work presents a historical review of the number of publications in journals and periodicals carried out in Brazil on the topic of “fieldwork in geography” in the period from 1940 to 2020. The data from 1940 to 2006 was collected from the work of Cavalcanti (2011), and from 2006 to 2020 it consisted of research using the Google Scholar search application. The contribution of geographic expeditions as a methodology in the teaching of geography was demonstrated by the student participants of the second edition, held in 2018, who provided data on the positive and negative impressions of the activity by filling in forms. It was concluded that both field activities and geographical expeditions are considered fundamental for academic and professional training.

Keywords: academic training; teaching geography; practical activities.

RESUMEN

Este trabajo presenta un rescate histórico del número de publicaciones en revistas y periódicos realizadas en Brasil con el tema “trabajo de campo en geografía” en el período de 1940 a 2020. Los datos de 1940 a 2006 fueron recopilados del trabajo de Cavalcanti (2011) y, de 2006 a 2020, consistieron en investigaciones utilizando la aplicación de búsqueda Google Académico. Las contribuciones de las expediciones geográficas como metodologías en la enseñanza de la Geografía fueron demostrados por los estudiantes-participantes de la 2ª edición realizada en 2018, ofreciendo datos sobre las impresiones positivas y negativas de la actividad mediante el llenado de formularios. Se concluyó que tanto las actividades de campo como las expediciones geográficas se consideran fundamentales para la formación académica y profesional.

Palabras clave: formação acadêmica; enseñanza de geografia; actividades prácticas.

INTRODUÇÃO

A ciência geográfica dispõe de variados meios que condicionam a boa formação e a produção de conhecimentos, que fazem parte de seu amplo escopo teórico-metodológico. Considerada uma ciência sintética por abranger as diversas esferas do conhecimento (Moraes, 1983; Diniz Filho, 2009), a Geografia torna-se, ao mesmo tempo, complexa, exigindo da prática docente à efetivação de metodologias capazes de aproximar o aprendizado aos que fazem e vivem essa ciência e, dentre essas práticas, estão as atividades de campo que aparecem como uma alternativa promissora.

Nessa perspectiva, este trabalho procurou apresentar um resgate histórico do quantitativo de publicações de artigos científicos, em revistas e periódicos realizadas no Brasil, com as palavras-chaves “trabalho de campo em geografia” no período de 1940 a 2020. Dados de 1940 a 2006 foram coletados do trabalho de Cavalcanti (2011), que apresentou dados concretos sobre a temática nesse período e, o restante, de 2006 a 2020 foi realizada a pesquisa com a utilização do aplicativo de busca na rede mundial de computadores Google Acadêmico.

Somando a isso, também se analisou as experiências realizadas com as Expedições Geográficas realizadas no curso de Geografia da Universidade Federal do Acre, como uma atividade de campo fundamental, com características que vão além da formação acadêmica, inserindo a prática profissional e a pós-graduação como possibilidades futuras aos formados.

As Expedições Geográficas foram analisadas desde a sua concepção, em 2015, até a última edição, no ano de 2020, em que a avaliação recaiu sobre os discentes-participantes da 2ª Expedição Geográfica, realizada no ano de 2018, por meio de dados primários coletados via formulários, com perguntas e respostas diretas sobre a efetividade e a importância dessa atividade.

Para nortear a pesquisa, indagou-se, portanto: qual a quantidade de trabalhos publicados que indicam a expressão “trabalho de campo em Geografia” em seus títulos

nos cursos de Geografia, de 1940 a 2020? Quais as possíveis causas da alta ou baixa publicação desses trabalhos? Qual a importância das Expedições Geográficas como atividade de campo para a formação e para os egressos do curso de Geografia?

Discutir metodologias de ensino na Geografia é imprescindível para o aprimoramento e para a qualidade da formação. A Geografia, antes de sua concepção enquanto ciência, já tinha em Alexander von Humboldt, no século XVIII, um dos principais geógrafos viajantes que inseriu na observação e análise das paisagens uma das principais vias de produção do conhecimento.

A pesquisa apresentada caminhou no sentido de indicar a produção do conhecimento referente à esta temática no Brasil, em um período histórico de 80 anos (1940-2020), como forma de compreender se há, ou não, um aumento linear dessas publicações ao longo do período e, se não há, tentar indicar as causas. Ao mesmo tempo, apresentou-se as experiências das Expedições Geográficas realizadas pelo curso de Geografia da Universidade Federal do Acre como um possível modelo a ser seguido pelas demais instituições do país. Ambas as abordagens são importantes e representam um avanço para delinear as políticas educacionais nas instituições ensino, inserindo o aluno em contexto de aliar a teoria à prática, proporcionando-lhe alternativas de vivenciar a realidade e produzir seu senso crítico a partir da observação em campo.

Portanto, em síntese, dois eixos compreenderam a pesquisa: 1) avaliou-se o cenário de como vem sendo propagada a metodologia de atividade de campo na Geografia ao longo do tempo; e 2) apresentou-se a experiência de campo em forma de Expedição Geográfica, especificamente a desenvolvida em 2018, como sendo uma metodologia a ser agregada nas instituições de ensino a partir de resultados já alcançados.

Em resumo, a pesquisa teve como objetivo principal analisar temporalmente a quantidade de trabalhos publicados no Brasil, cuja temática tenha a expressão “trabalho de campo em Geografia”, no período de 1940 a 2020, inserindo a proposta da execução de expedições geográficas como alternativa para a melhoria da qualidade do ensino. Para tal, quantificou-se a ocorrência da expressão “trabalho de campo em Geografia” por meio de coleta de dados com levantamento secundário via site do Google Acadêmico; analisou-se os possíveis indicadores que determinam uma alta ou baixa frequência de trabalhos de campo em Geografia ao longo do período abrangido; e analisou-se os pontos positivos e

negativos da execução das Expedições Geográficas no âmbito do curso de Geografia da Ufac.

REFERENCIAL TEÓRICO-CONCEITUAL – ESTADO DA ARTE

A Geografia é uma ciência que alia perfeitamente o processo de ensino-aprendizagem fundamentado na aplicação prática o que se aprende na teoria. Portanto, a Geografia, em muitos dos seus componentes curriculares, pressupõe uma aplicabilidade do conhecimento construído. Nesse sentido, Souza e Chiapetti (2012) assinalam que os desafios relacionados ao ensino de Geografia, seus conteúdos e o distanciamento entre o que é ensinado e a realidade prática vivida pelos alunos, continuam a se destacar como um dos fatores prejudiciais para o processo de aprendizagem, destacando a realização de atividades práticas de campo como uma alternativa que deve ser considerada pelos professores.

Durante muito tempo, as atividades práticas de campo na disciplina de Geografia, foram diminuídas, seja pela falta de estrutura nas escolas ou pela falta de estímulo do professor. Claval (2021), por sua vez, afirma que as ciências baseadas na observação, como as humanas e, em especial, a Geografia, não se constroem apenas dentro de laboratórios, havendo a mobilidade do observador, fazendo pesquisa de campo e comparando regiões e lugares.

Considerando o pai da Geografia Moderna — Alexander von Humboldt — apresenta uma contribuição fundamental para a prática de campo na Geografia do final do século XVIII e início do século XIX, com as diversas expedições realizadas no intuito de descrever e documentar as diversas paisagens, inclusive da América do Sul. Físico, naturalista e viajante, Humboldt foi, portanto, um dos grandes contribuintes para o reconhecimento da natureza e paisagem da América Latina (Abrahão, 2009; Claval, 2021). Nesse sentido, foi um verdadeiro explorador e tinha como meta levantar informações dos diversos lugares e paisagens, determinando as suas diferenças fundamentais, sendo considerado um verdadeiro “geógrafo de campo”.

O legado de Humboldt fez nascer uma geografia, que tem nas práticas de campo, um aspecto fundamental baseado na observação de fatores do ambiente (solos,

vegetação, relevo etc.), inserindo isso como atividades indispensáveis e necessárias para uma boa formação, tanto acadêmica, como cidadã.

Para Pontuschka e Oliveira (2002), a atividade de campo é tida como uma ferramenta que une a teoria à prática, fortalecendo o processo de ensino-aprendizagem, além de se constituir como interdisciplinar, melhorando a capacidade de abstração e compreensão da realidade. Isso porque, a análise dos aspectos do meio constitui-se como um método de ensino interdisciplinar (geografia urbana, geografia agrária, pedologia, biogeografia, climatologia, geomorfologia, hidrogeografia, geografia humana etc.) proporcionando o contato com as diferentes realidades (rural e/ou urbana). No entanto, mesmo imprescindível a sua realização, os trabalhos de campo necessitam de uma verdadeira união de esforços entre professores, alunos e administração da instituição, na construção e execução do planejamento, considerando que desvincular-se desta metodologia no curso de Geografia, vislumbra-se prejuízos na formação acadêmica e profissional (Cruz, 2019).

Uma atividade de campo que desponta como fundamental para a formação acadêmica, são as Expedições Geográficas, que vão além da observação de aspectos da paisagem, tais como: cobertura vegetal, dinâmica morfoestrutural do relevo, configuração de redes de drenagem, tipos de uso e ocupação da terra, configuração urbana, entre outros. Às Expedições Geográficas, soma-se o contato com laboratórios de alto impacto científico, de instituições a serem visitadas, e abre-se um leque de oportunidades para os expedicionários (alunos e professores) no tocante a intercâmbios e cursos de pós-graduação. Santos (2020) conceitua Expedição Geográfica, a partir de sua experiência no curso de Geografia da Universidade Federal do Acre, como:

Conjunto de atividades acadêmicas-científicas-institucionais realizado fora da instituição de origem que alia conteúdos geográficos à prática discente e docente, possibilitando aos participantes o contato com ambientes laboratoriais altamente produtivos do ponto de vista técnico-científico e inserções futuras no campo da pós-graduação, intercâmbios, estágios e cooperação interinstitucional em âmbito nacional ou internacional (Santos, 2020, slide 11).

Nesse sentido, a Expedição Geográfica é uma modalidade de trabalho de campo abrangente e completa, um método de ensino-aprendizagem capaz de desenvolver o espírito crítico do discente e condição imprescindível para que o acadêmico do Curso de

Geografia possa perceber na prática as diversas formas de arranjo espacial, tanto de ordem natural como de ordem antrópica que produz, reproduz e transforma o espaço, pois é, a partir daí, que o geógrafo passa a atuar. A partir disso, é possível afirmar que:

As expedições geográficas podem ser consideradas como um evento itinerante onde o corpo docente e discente do curso realizam visitas técnicas em instituições que possuem afinidade com a área de formação do geógrafo. Além das visitas técnicas, o projeto permite a formação qualificada dos discentes uma vez que há possibilidade de integrar o conhecimento teórico com o prático, considerando as diversas atividades desenvolvidas em biomas e realidades geográficas ao longo do Brasil (Mesquita *et al.*, 2020, p. 9).

Os participantes das Expedições Geográficas apresentam motivação e estímulo para continuar no processo de formação acadêmica, na certeza de que, uma vez egresso do curso, terão um caminho profissional de qualidade e com amplo conhecimento sobre as questões nacionais, regionais e locais.

METODOLOGIA

A pesquisa foi do tipo bibliográfica e documental, com o levantamento de dados secundários e sumarização e análise de dados primários já documentados.

Para a coleta de dados, referentes à expressão “trabalhos de campo em Geografia”, utilizou-se um período temporal de 80 anos, de 1940 a 2006, com dados já abordados na pesquisa de Cavalcanti (2011) e, de 2007 a 2020, foi realizada uma busca na *Internet* via *site Google Acadêmico*. Para isso, os dados foram levantados a partir de trabalhos publicados em forma de artigo e foram coletados a partir do *site* de busca *Google Acadêmico* disponível na rede mundial de computadores (*Internet*).

Para a análise dos dados referentes às expedições geográficas, realizou-se uma abordagem geral sobre a execução das 3 (três) expedições já realizadas no curso de Geografia da Universidade Federal do Acre. No entanto, como definição amostral, utilizou-se os dados coletados junto aos 29 (vinte e nove) alunos participantes da 2ª Expedição Geográfica, ocorrida em 2018, cujos formulários foram preenchidos e foram apresentados em forma de resultados quanto às impressões positivas e negativas da atividade para a formação em Geografia.

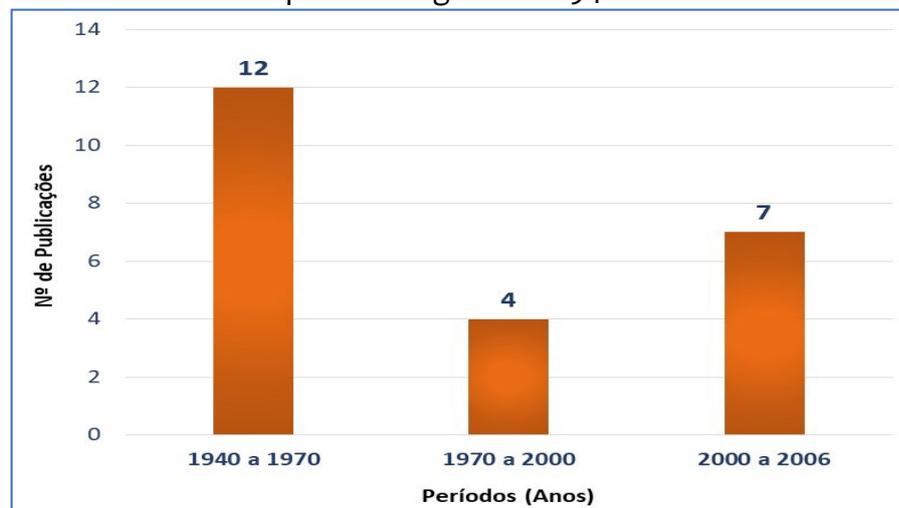
DESENVOLVIMENTO

Período de 1940 – 2006

Os trabalhos referentes a esse recorte temporal foram referenciados por Cavalcanti (2011), em seu artigo intitulado Fundamentos históricos metodológicos da pesquisa de campo em Geografia, publicado no ano de 2011. No referido trabalho, o autor traz dados interessantes que inserem os trabalhos de campo em um contexto histórico de mudanças de paradigmas e profundas reflexões na ciência geográfica, interferindo diretamente nas atitudes dos docentes frente a realizar ou não as atividades de campo nos respectivos componentes curriculares da época.

O referido autor destaca que da década de 1940 a 1970 houve 12 publicações de trabalhos com a temática “trabalhos de campo em Geografia”; de 1970 a 2000 os números de publicações diminuíram bruscamente, atingindo a ínfima marca de 4 trabalhos; e de 2000 a 2006 há um ligeiro aumento, embora ainda em pouquíssima quantidade, chegando à casa dos 7 trabalhos. Para melhor visualização dos dados, elaborou-se um gráfico em que é possível identificar mais rapidamente esses números.

FIGURA 1: número de publicações com a expressão “Trabalho de Campo em Geografia” – 1940 a 2006



Fonte: Cavalcanti (2011).

O autor considera que existem algumas razões, inclusive de cunho epistemológico no campo da Geografia, que justifiquem esses valores encontrados e, assegura que, de

1940 a 1970, havia o predomínio na Geografia brasileira da escola francesa, desenvolvida por Vidal de La Blache e seus discípulos, em que a prática de campo, traduzida no estudo das paisagens e na Geografia regional, era bastante valorizada e divulgada, o que resultou em um período considerado de “grande” quantidade de trabalhos publicados, a julgar pelos valores dos anos seguintes.

Do ano de 1970 a 2000, o autor explica que o menor valor de atividades práticas, em Geografia, está atrelado à época do apogeu da Geografia Quantitativa no Brasil, tendo como polos o IBGE e o Curso de Geografia da Unesp Rio Claro-São Paulo, atestando o desprezo da maioria dos geógrafos pela prática de campo e o pouco interesse na publicação de trabalhos dessa natureza, resultando em uma baixíssima quantidade de trabalhos publicados com a temática (4 trabalhos), ao longo de três décadas.

O último período analisado pelo autor, de 2000 a 2006, indicou uma retomada e maior valorização dessa prática nos cursos de Geografia, perfazendo em seis anos o total de 7 trabalhos. Apesar do número ainda pequeno de publicações, é válido registrar que nesse pouco espaço de tempo alcançou-se quase 100% de aumento em relação ao que ocorreu nas três décadas anteriores.

Há, portanto, uma clara retomada das atividades de campo na Geografia como uma metodologia fundamental e necessária para a formação. A inclusão de atividades de campo nas novas grades curriculares, a partir dos anos 2000, como uma necessidade da própria Geografia de reinventar-se, pode ter estimulado o aumento das publicações, marcando uma nova era na Geografia. O fato que resta, é que as correntes de pensamento filosófico no Brasil, que se inseriram na Geografia após a década de 1970, com base marxista fundamentadas no materialismo histórico e dialético, fizeram retroagir esse tipo de atividade e manteve a Geografia apenas no campo da subjetividade.

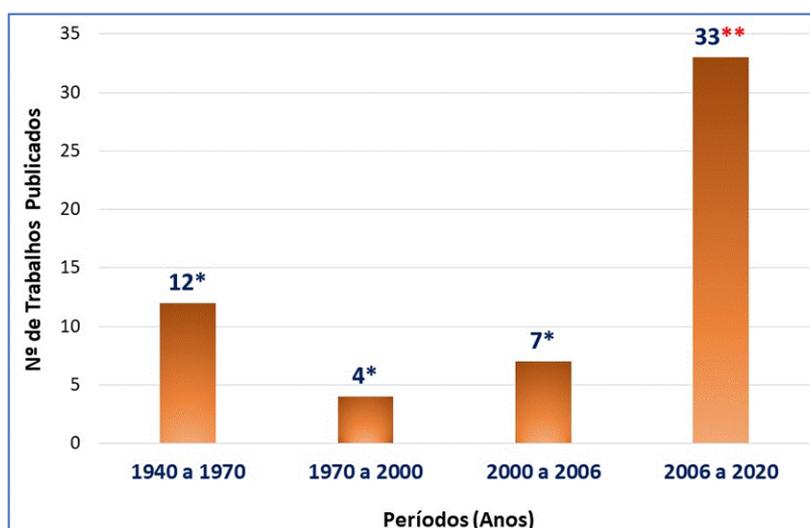
Período de 2006 - 2020

A partir de outro período histórico, que correspondeu à pesquisa primária, realizada no *Google Acadêmico*, por meio da busca pela expressão “Trabalho de Campo em Geografia”, foram encontrados 33 (trinta e três) trabalhos publicados. Ressalta-se, no

entanto, que em alguns anos buscados (2007 e 2015) não houve registros de publicação sobre a temática.

Na figura 2, demonstra-se todos os dados referentes à pesquisa realizada, com a visualização dos resultados para melhor compreensão.

FIGURA 2: número de publicações com a expressão “Trabalho de Campo em Geografia” – 1940 a 2020.



Fontes: *Cavalcanti, (2011); ** SANTOS, (2021), via pesquisa na base de dados do Google Acadêmico.

Observa-se o vertiginoso crescimento do número de publicações científicas com a retomada dos trabalhos de campo na Geografia. A partir de meados da primeira década do século XXI há uma maior valorização e demonstração da importância fundamental desta atividade para a formação do geógrafo, jamais vista em toda história do curso de Geografia no Brasil, com o crescimento de aproximadamente 5 vezes em apenas uma década e meia (2006 a 2020).

As Expedições Geográficas do Curso de Geografia da UFAC

As viagens e expedições ao restante do país, no âmbito do Curso de Geografia da UFAC, constituíram-se, até meados da década de 1990, em eventos científicos itinerantes constantes no calendário institucional. Por outros motivos, eles cessaram e trouxeram

prejuízos de ordem prática a todo curso de geografia e, em especial, aos discentes que passaram a não mais contar com a prática de campo relacionada aos mais diversos assuntos e escalas em nível nacional.

O projeto das expedições geográficas é coordenado pelo Professor do Curso de Geografia, Prof. Dr. Waldemir Lima dos Santos, que visa oferecer condições de melhor formação à comunidade acadêmica, recebendo o nome de Expedição Geográfica da Universidade Federal do Acre – Nível Nacional, cuja realização no âmbito da UFAC se consolidou com a inserção nos PPC's (Projetos Políticos Curriculares) dos cursos de Graduação em Geografia, estando, atualmente, com 3 edições realizadas e bem-sucedidas (anos de 2015, 2018 e 2020).

Os resultados são percebidos tanto na autoestima dos discentes e docentes, como nas oportunidades que são criadas intra e extra universidade. As expedições geográficas possibilitam ao discente-participante observar e analisar as diversas escalas dos fenômenos geográficos, as transformações espaciais processadas no trajeto de sua execução, o contato com laboratórios de alto nível nas instituições científicas visitadas, reconhecer programas de pós-graduação e contatos para possível intercâmbio para discentes e docentes da universidade.

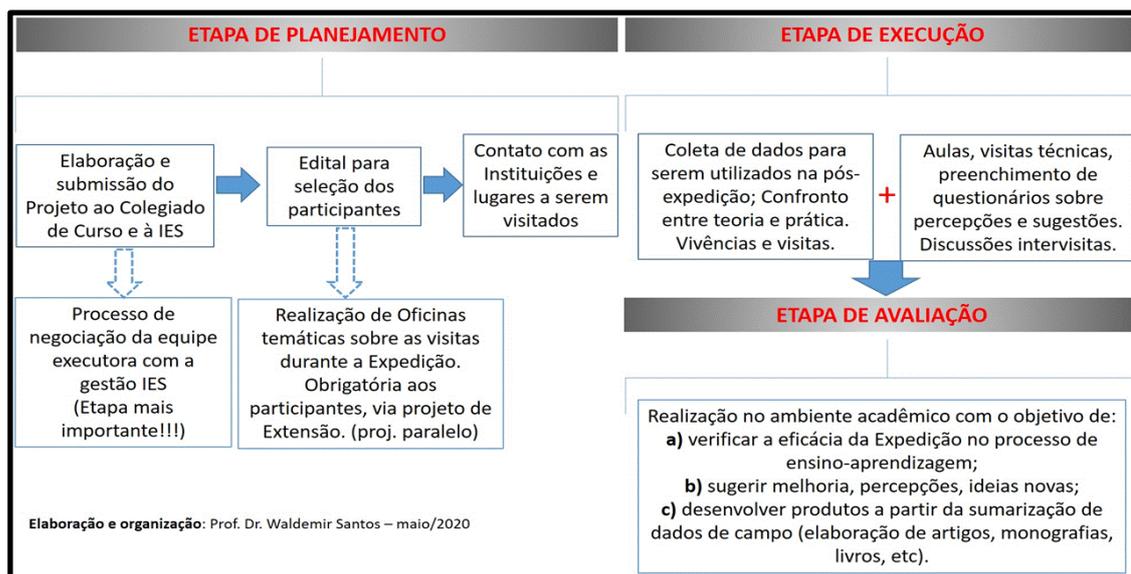
A expedição geográfica se apresenta como uma atividade acadêmica itinerante, de condição imprescindível, para que o acadêmico do curso de geografia possa perceber de que forma está sendo produzido, reproduzido e transformado o espaço e suas territorialidades, considerando que é a partir daí, que o profissional geógrafo passa a atuar (Rodrigues; Otaviano, 2001; Kayser, 2006; Lacoste, 2006).

A identificação de manifestações espaciais e territoriais em nível Brasil, com enfoque para a análise de áreas já alteradas cuja observação permite observar: 1) efeitos da ocupação e uso da terra para a manutenção dos recursos naturais; 2) a organização do espaço urbano e rural e sua interação conflituosa ou harmoniosa em cada bioma/ecossistemas visitados; 3) os efeitos das atividades industriais e humanas e da busca incessante pela geração de energia; 4) a dinâmica da rede de drenagem e sua influência para os meios de produção; e 5) a geodinâmica de superfície e subsuperfície aliada aos processos e fenômenos geológico-geomorfológicos que condicionam uma organização das atividades humanas em bases sustentáveis, ou não.

Além disso, faz-se mister que os acadêmicos do curso de geografia, analisem se o modelo de ocupação nas regiões visitadas, apresenta correlação positiva com o planejamento prévio indicado para as unidades ambientais em cada ecossistema pesquisado, além de poder desmistificar seus entraves sociais, econômicos e ambientais (Serpa, 2006; Marco, 2006; Venturi, 2009).

Para a concepção da expedição geográfica, há um longo caminho a percorrer junto à administração da instituição que, sem o apoio institucional, não há possibilidade operacional e financeira para sua execução. Além disso, destaca-se que o engajamento de discentes e docentes do curso são fundamentais para a realização e o sucesso da atividade. Na figura 3, é indicado o fluxograma que, até então, é seguido para a devida realização das expedições.

FIGURA 3: fluxograma das etapas do projeto para a realização das Expedições Geográficas



Fonte: Waldemir Santos, 2020.

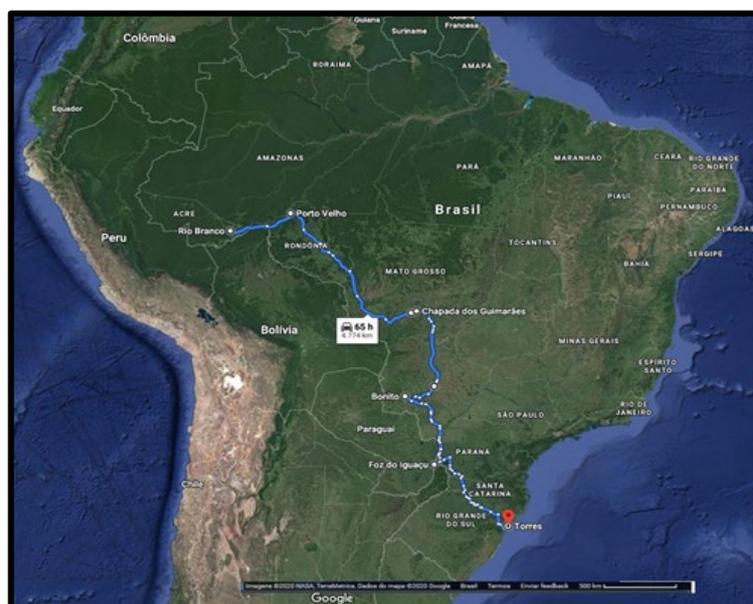
A 1ª Expedição Geográfica – Ano de 2015

Em 2015, de 03 a 26 de outubro, realizou-se a 1ª Expedição Geográfica da UFAC (ExpeGeo), com a participação de 18 (dezoito) discentes, sob a coordenação do Prof. Dr.

Waldemir Lima dos Santos e colaboradores. A realização é precedida de etapas de planejamento, envolvendo contatos institucionais locais e nacionais, esse último, relacionado às instituições a serem visitadas, constando de laboratórios, curso de graduação e pós-graduação, participação em palestras em empresas privadas e públicas e atividades práticas de campo nas localidades abrangidas no trajeto.

A 1ª ExpeGeo durou 24 dias de viagem e compreendeu a saída do campus universitário, em Rio Branco/AC chegando até Torres/RS, passando por 14 cidades, totalizando 9.548 Km (ida e volta) onde foram feitas visitas às instituições e trabalhos de campo nas cidades de: Porto Velho/RO, Chapada dos Guimarães/MT, Campo Grande/MS, Bonito/MS, Foz do Iguaçu/PR e Torres/RS.

FIGURA 4: indicação do percurso (linha azul) da 1ª ExpeGeo - 2015



Fonte: Google Earth (2021).

Os resultados renderam ao curso diversas monografias e trabalhos de conclusão de curso (TCC's), elaborados a partir das observações, além de proporcionar o intercâmbio de alunos para outros centros de formação no país.

FIGURA 5: registros dos participantes da 1ª ExpeGeo da Ufac – 2015



Fonte: Coordenação da ExpeGeo/Ufac – 2015.

Na imagem A, os participantes na entrada principal da Ufac, no dia 03 de outubro de 2015, início da expedição; na imagem B, o final da expedição com a visita institucional a Ulbra Torres, no Rio Grande do Sul; na imagem C, a visita técnica a UHE de Itaipu, no estado do Paraná; e na imagem D, a visita técnica ao Parque Nacional do Iguazu, em Foz do Iguazu/PR.

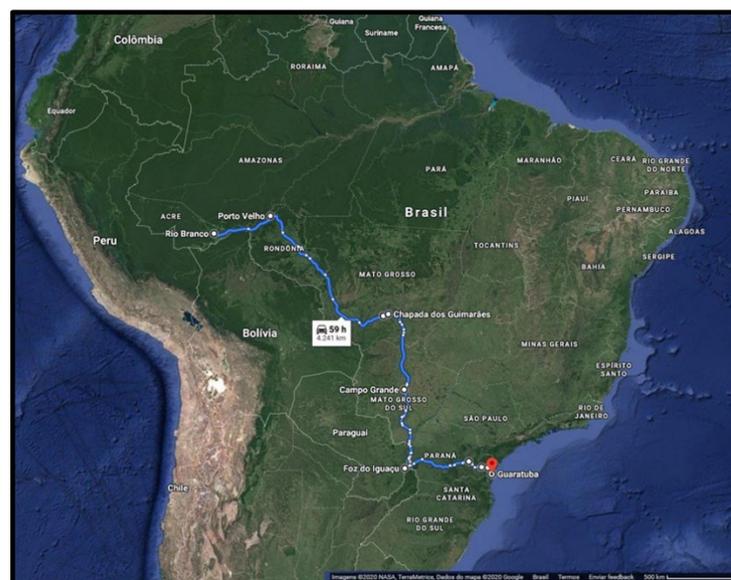
A 2ª Expedição Geográfica – Ano de 2018

De 03 a 25 de abril de 2018, realizou-se a 2ª Expedição Geográfica da UFAC (ExpeGeo), com a participação de 29 (vinte e nove) discentes. A realização foi precedida de etapas de planejamento, com a realização de contatos institucionais locais e nacionais, constando todas as atividades que tinham na 1ª ExpeGeo, porém, com a abrangência de um novo trajeto.

A 2ª ExpeGeo durou 23 dias de viagem e compreendeu a saída do Campus Universitário, em Rio Branco/AC chegando até Guaratuba/PR, passando por 11 cidades, totalizando 8.482 Km (ida e volta), sendo visitadas as instituições, tais como: Usina

Hidrelétrica Santo Antônio (UHE) em Porto Velho, Universidade Federal de Rondônia, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e Universidade Estadual de Ponta Grossa, além da realização de trabalhos de campo no Parque Nacional da Chapada dos Guimarães, cidade de Campo Grande/MS, Parque Nacional do Iguaçu, cidade de Ponta Grossa//PR, trajeto via trem de Curitiba à cidade de Morretes, com observações da geomorfologia da Serra do Mar e a Mata Atlântica e na Baía de Guaratuba, litoral do Paraná.

FIGURA 6: indicação do percurso (linha azul) da 2ª ExpeGeo - 2018



Fonte: Google Earth (2021).

Os resultados da 2ª expedição geográfica foram previsíveis, com a realização de contatos institucionais que favoreceram a inserção de egressos do curso de Geografia nos programas de pós-graduação e facilitou em muito a formação e a entrada profissional no mercado de trabalho. As experiências vivenciadas durante a 2ª ExpeGeo e a maior

quantidade de participantes favoreceram o debate e as observações durante a sua execução, e trouxe a certeza de que a geografia é uma ciência de campo e tem, na paisagem natural ou construída em um laboratório, importância para a formação do geógrafo. Na figura 7, a demonstração de algumas visitas realizadas pelos participantes durante a 2ª ExpeGeo.

FIGURA 7: Registros dos participantes da 2ª ExpeGeo da Ufac – 2018



Fonte: coordenação da 2ª ExpeGeo/Ufac – 2018.

Na imagem A, os participantes no portão principal da universidade, no momento da saída; na imagem B, observa-se uma visita técnica ao Laboratório de Planejamento Ambiental da Universidade Federal de Rondônia, sob a coordenação e explicação do Prof. Dr. Dorisvalder Nunes; na imagem C, os participantes em atividade prática no curso de Geografia da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, sob a coordenação do Prof Dr Ary Tavares Rezende Filho; e na imagem D, alunos em visita ao laboratório de geologia da Universidade Estadual de Ponta Grossa – PR.

A 3ª Expedição Geográfica – Ano de 2020

A 3ª ExpeGeo foi realizada no período de 10 a 24 de março de 2020 e, na ocasião, participaram 18 (dezoito) discentes, contando com a participação de 2 discentes do Curso

de Engenharia Florestal, 1 discente do Curso de Jornalismo e 15 discentes do Curso de Geografia. Procedimentos de planejamento e organização foram fundamentais não só para o sucesso dessa edição, mas para todas as outras. A realização de contatos institucionais locais e nacionais, verificação de trajeto, custos operacionais e de execução e rota de estadia além das atividades a serem desenvolvidas, são etapas fundamentais levadas em consideração para a realização da 3ª ExpeGeo. A exemplo das duas edições anteriores, planejou-se um novo trajeto, saindo do Campus Universitário (Rio Branco) até a cidade de João Pessoa/PB.

A pandemia da covid-19 impediu a realização da atividade em sua plenitude. A 3ª ExpeGeo foi planejada para durar 24 dias, porém, no dia 24 de março a pandemia já avançava pelo país e, por questões de segurança dos participantes, obrigou a suspensão da atividade e retorno para Rio Branco. Mesmo assim, os objetivos foram alcançados e a expedição durou 14 dias, saindo do Campus Universitário em Rio Branco/AC chegando até Belo Horizonte/MG, passando por 7 cidades-chaves, totalizando 7.260 Km (ida e volta), e foram visitadas as instituições, tais como: UHE de Santo Antônio, em Porto Velho, Universidade Federal de Rondônia e Universidade Federal de Minas Gerais, além da realização de trabalhos de campo no Parque Nacional da Chapada dos Guimarães, cidade de Belo Horizonte/MG, Parque Estadual do Rola Moça em Brumadinho/MG, e realização de visitas ao Laboratório de Planejamento Ambiental do curso de Geografia da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Laboratórios de Geologia, Geomorfologia, Geoprocessamento, Geoquímica e Mineralogia do Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais e o Instituto de Pesquisas Hidráulicas da mesma Universidade. Na figura 8, visualiza-se o trajeto percorrido pela 3ª ExpeGeo.

FIGURA 8: indicação do percurso (linha azul) da 3ª ExpeGeo - 2020



Fonte: Google Earth (2021).

No ano de 2022 realizou-se a 4ª ExpeGeo, com roteiro que almejava o nordeste do país, sendo interrompida no estado vizinho de Rondônia por questões de logística de transportes.

Atualmente, realizou-se a 5ª edição das expedições geográficas, ocorrida no período de 15 de setembro a 09 de outubro de 2023, repetindo o percurso da 2ª edição, incluindo-se a visita institucional na Universidade da Integração Latino-Americana (Unila), em Foz do Iguaçu/PR, finalizando na Baía de Guaratuba, litoral do estado do Paraná.

A avaliação das Expedições Geográficas para formação em Geografia: estudo de caso sobre a 2ª Expedição Geográfica – Ano de 2018

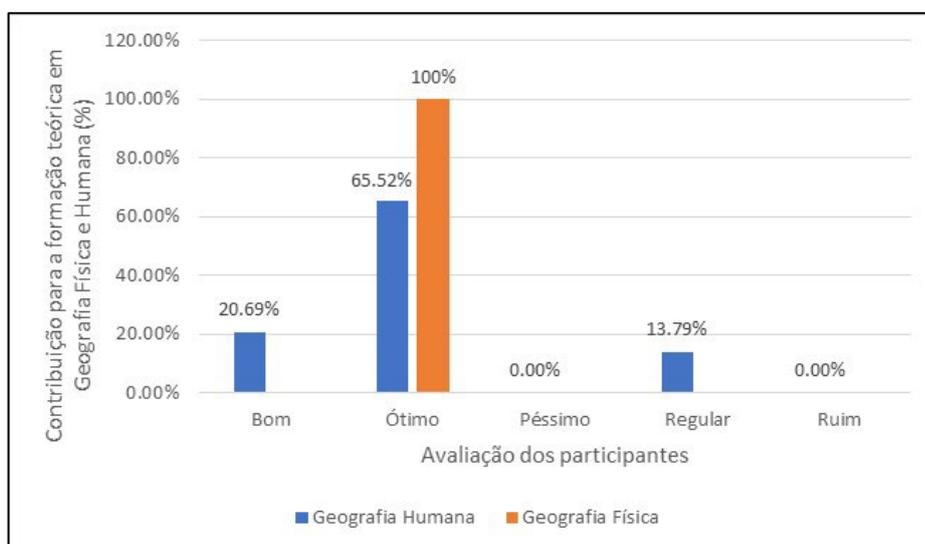
As Expedições Geográficas executadas no âmbito do curso de Geografia da Universidade Federal do Acre têm demonstrado um ganho de conhecimento e aprendizado aos participantes. Fazendo parte da grade curricular do curso, com a indicação de realização de 2 em 2 anos, a Expedição Geográfica tem sido um mecanismo de retenção da evasão no curso, estimulando os alunos a continuarem seus estudos e proporcionando uma visão mais holística de mundo, diante das observações e contatos intra e extra ambientes institucionais visitados.

Entre outros objetivos, desenvolver a habilidade de observação e correlação de fenômenos naturais e sociais, tem sido o maior e mais importante destaque a partir da realização desta atividade e, portanto, recomendável a sua execução em todos os cursos de Geografia do país. Primeiro, por uma questão de método e metodologia própria do geógrafo, segundo por uma questão de sobrevivência da geografia enquanto uma ciência holística e aplicada, portanto, necessária as incursões à campo.

Destaca-se aqui a avaliação das Expedições Geográficas, enquanto componente importante do Curso de Geografia da UFAC, tomando como estudo de caso a 2ª ExpeGeo realizada no ano de 2018, considerando-se a disponibilidade de dados que foram coletados junto aos participantes ao final da atividade.

Conforme os dados coletados, junto aos alunos participantes, sobre a avaliação da contribuição da 2ª Expedição Geográfica, para a formação teórica nas disciplinas de Geografia Física e Humana, obteve-se o percentual de 65,52% que responderam como ótima a contribuição, seguida de 20,69% e 13,79% como bom e regular respectivamente, para a formação em Geografia Humana e todos os participantes avaliaram como ótima a contribuição para a formação em Geografia Física.

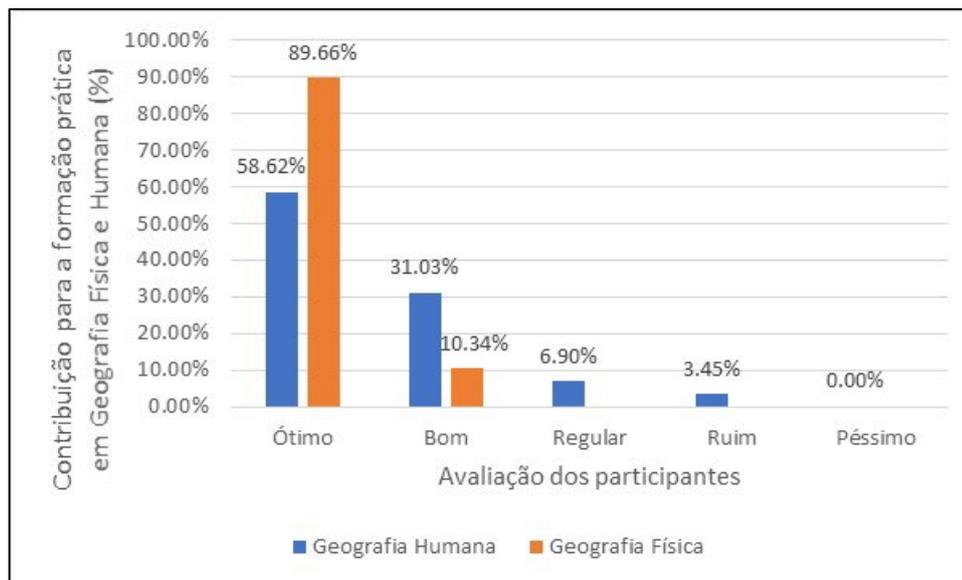
FIGURA 9: avaliação dos participantes sobre a importância da 2ª Expedição Geográfica para a formação teórica em Geografia Física e Humana



Fonte: elaborado pelo autor.

A formação prática, do saber fazer no campo do geógrafo, também foi avaliado junto aos 29 participantes da 2ª ExpeGeo, com resultados que diferem em ambas as formações (humana ou física). Para a formação prática em Geografia Física obteve-se o percentual de 89,66 e 10,34% das respostas como ótimo e bom, respectivamente. Para a formação em Geografia Humana obteve-se 58,62 e 31,03% das respostas, apontando que é uma metodologia ótima e boa, respectivamente, somando-se 89,65%. No entanto, 6,90 e 3,45% responderam ser regular e ruim para a formação prática em Geografia Humana, somando-se 10,35% das respostas dos alunos participantes.

FIGURA 10: avaliação dos participantes sobre a importância da 2ª Expedição Geográfica para a formação prática em Geografia Física e Humana



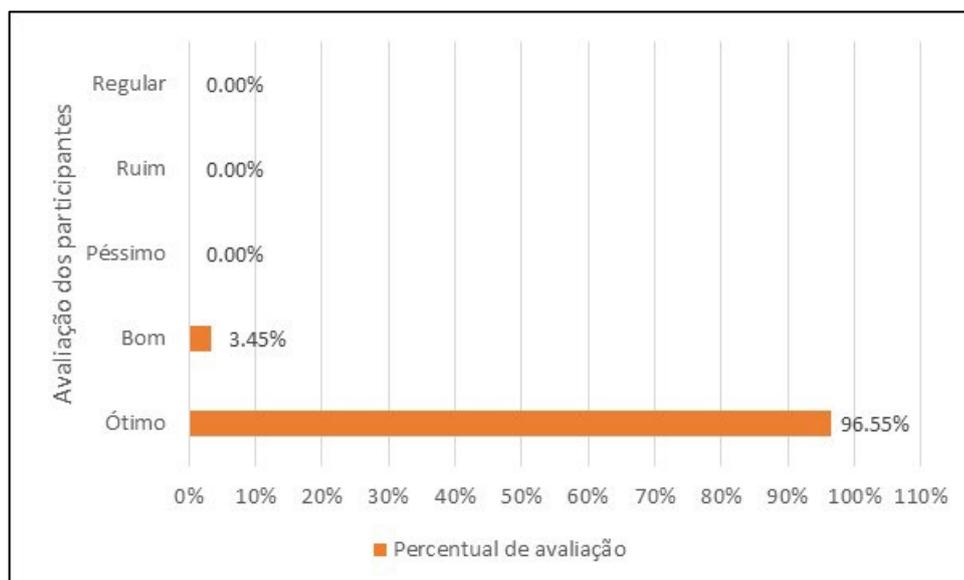
Fonte: elaborado pelo autor.

Sugere-se que o percentual de contribuição negativo para a formação prática em Geografia Humana, em contrapartida ao que se observou para a formação prática em Geografia Física, esteja atrelada à clássica dualidade na Geografia, persistindo a percepção

equivocada de que a Geografia Humana é mais direcionada aos estudos teóricos e de gabinete. Contrariamente, uma percepção também equivocada de que atividade de campo, como a Expedição Geográfica, que pressupõe uma prática aliada à teoria vista na sala de aula, é mais aplicada à Geografia Física. Na verdade, a avaliação realizada pelos participantes corresponde à essa visão ainda deturpada da Geografia ensinada no Brasil.

No entanto, há que se considerar, embora os dados demonstrem respostas que, de certa forma, inserem mais a Geografia Física do que a Geografia Humana no aspecto prático desta ciência, que a expedição geográfica desempenha um papel fundamental para a formação dos acadêmicos em Geografia, independentemente da inclinação teórica, se social ou natural, com respostas acima de 80% avaliadas como ótima ou boa para ambas, portanto, cumpre o seu papel no aspecto da melhor formação em Geografia. Esse fato, corrobora as respostas sobre a avaliação da 2ª Expedição Geográfica para a formação e valorização profissional do geógrafo, seja bacharel ou licenciado, com a totalidade participantes assumindo que há essa perspectiva de avanço, tanto no ambiente acadêmico, quanto profissional.

FIGURA 11: avaliação da importância da Expedição Geográfica para a valorização da formação e da profissão de geógrafo

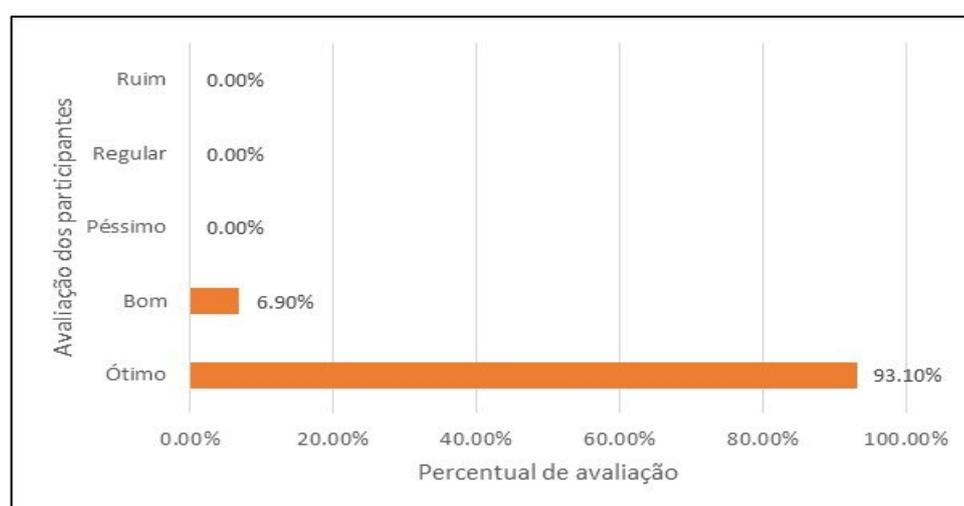


Fonte: elaborado pelo autor.

Outro aspecto importante e de grande relevância acadêmica das Expedições Geográficas, é a possibilidade conferida aos alunos participantes de realizarem a

integração e intercâmbios em outras instituições e laboratórios, além de proporcionar uma proximidade ainda maior com a pós-graduação, quando na condição de egresso. Sob esse aspecto, todos os participantes da 2ª ExpeGeo responderam ser ótima (93,10%) e boa (6,90%) essa oportunidade de angariar uma vaga em um curso de pós-graduação em outro estado e, assim, capacitar e melhorar a formação profissional e promover a inserção no mercado de trabalho.

FIGURA 12: avaliação da possibilidade de integração e intercâmbio com outras instituições



Fonte: elaborado pelo autor.

Essa característica das expedições geográficas, de promover a proximidade com outros centros de pesquisa, é tida como fundamental, notadamente porque, no Estado do Acre, o campo da pós-graduação em instituição pública ainda se apresenta limitado, com poucas opções de inserção. Ressalta-se que o curso em nível de Mestrado em Geografia é recente, datado de 2019, e com poucas vagas ofertadas (12). Na graduação, há entrada anual de 90 alunos (50 licenciandos e 40 bacharelados), portanto, não há oportunidade para que todos possam se inserir e continuar os estudos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a execução da pesquisa demonstrou-se que a Geografia prescinde de ação mais direcionada às atividades práticas de campo. O registro de publicações com os descritores pesquisados, desde 1940, apresenta períodos de estagnação referente à esta

prática, vindo a apresentar uma retomada mais eficiente nas duas primeiras décadas do século XXI.

Observou-se que a quantidade de trabalhos referentes à temática tem sido atrelada aos momentos de reflexão epistemológica da Geografia, partindo de 1940 a 1970 com a influência da escola francesa lablachiana no Brasil, com as práticas de campo voltadas para o estudo das paisagens e da geografia regional. No entanto, no período de 1970 a 2000, as publicações caem vertiginosamente, em uma expressão clara de desvinculação da Geografia das práticas de campo combinada com o apogeu da Geografia Quantitativa no Brasil, apresentando no IBGE e no Curso de Geografia da Unesp Rio Claro-São Paulo seus principais atores.

Isso atestou, de certa forma, o pouco interesse dos geógrafos pelas práticas de campo e, conseqüentemente, no pouco interesse na publicação de trabalhos dessa natureza, vindo a declinar expressivamente ao longo de 30 anos.

Há uma nítida concepção de que as correntes de pensamento filosófico no Brasil que se inseriram na Geografia após 1970, com base marxista fundamentadas no materialismo histórico e dialético, fizeram retroagir esse tipo de atividade e manteve a geografia apenas no campo da subjetividade.

A retomada das publicações a respeito da importância dos trabalhos de campo na geografia vem a partir dos anos 2000, quando se observa o vertiginoso crescimento do número de publicações científicas.

Foi observado que em apenas uma década e meia evoluiu em quase 5 vezes mais o número de publicações sobre a importância fundamental das atividades de campo para a formação do Geógrafo. Tal fato, pode estar relacionado à reflexão da própria geografia, na tentativa de se reinventar em pleno século XXI, para manter-se enquanto uma ciência de descoberta e de estímulos aos que fazem geografia.

Entre as atividades de campo, apresentou-se as experiências desenvolvidas pelo Curso de Geografia da Universidade Federal do Acre no âmbito da execução das Expedições Geográficas. Demonstrou-se que a própria concepção de “Expedição Geográfica” pressupõe uma atividade completa e de oportunidades para os acadêmicos, tanto na pós-graduação quanto na atividade profissional.

A avaliação realizada, tendo como amostra os dados levantados durante a 2ª Expedição Geográfica no ano de 2018, demonstrou que os acadêmicos têm como positiva a atividade, tanto para a formação teórica, quanto prática, além da valorização da profissão no mercado de trabalho. As Expedições Geográficas possibilitam, ainda, o intercâmbio de discentes para os grandes centros de pesquisa visitados durante a atividade, sendo relevantes experiências não só para a formação, mas, também, para a vida pós-universidade.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, C. M. S. Síntese e complexidade no pensamento geográfico. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 21, n. 2, p. 211-225, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1982-45132009000200014>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sn/a/mfZ97sc5NKqwh4D7mRPGZqc/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 10 out. 2021.

CAVALCANTI, A. P. B. Fundamentos históricos metodológicos da pesquisa de campo em Geografia. **Revista Geosul**, [s. l.], v. 26, n. 51, p. 39-58, 2011. DOI: <https://doi.org/10.5007/2177-5230.2011v26n51p39>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/2177-5230.2011v26n51p39>. Acesso em: 10 out. 2021.

CLAVAL, P. O papel do trabalho de campo na geografia, das epistemologias da curiosidade às do desejo. **Revista Franco-Brasileira de Geografia**, [s. l.], n. 17, 2013. DOI: <https://doi.org/10.4000/confins.12414>. Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/12414>. Acesso em: 10 out. 2021.

CRUZ, C. A. M. Reflexões sobre o trabalho de campo em geografia na Amazônia. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. [s. l.], v. 05, n. 07, p. 124-139, 2019. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/geografia/trabalho-de-campo>. Acesso em: 10 out. 2021.

DINIZ FILHO, L. L. **Metodologia do ensino de História e Geografia: Fundamentos epistemológicos da Geografia**. Curitiba: IBPEX, 2009.

KAYSER, B. O geógrafo e a pesquisa de campo. **Boletim Paulista de Geografia**, [S. l.], n. 84, p. 93-104, 2017. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/boletim-paulista/article/view/730>. Acesso em: 10 out. 2021.

LACOSTE, Y. A pesquisa e o trabalho de campo: um problema político para os pesquisadores, estudantes e cidadãos. **Boletim Paulista de Geografia**, [S. l.], n. 84, p. 77-92, 2017. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/boletim-paulista/article/view/729>. Acesso em: 10 out. 2021.

MARCO, V. Trabalho de campo em Geografia: reflexões sobre uma experiência de pesquisa participante. **Boletim Paulista de Geografia**, [S. l.], n. 84, p. 105-136, 2017. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/boletim-paulista/article/view/731>. Acesso em: 10 out. 2021.

MESQUITA, A. A. et al. Expedições Geográficas da Ufac: Autoavaliação e impactos na formação e atuação profissional do Geógrafo. **UÁQUIRI - Revista do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Acre**, [S. l.], v. 2, n. 1, 2020. DOI: 10.47418/uaquiri.v2i1.3301. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/Uaquiri/article/view/3301>. Acesso em: 10 out. 2021.

MORAES, A. C. R. **Geografia: pequena história crítica**. São Paulo: Hucitec, 1983.

PONTUSCHKA, N. N.; OLIVEIRA, A. U. (Org). **Geografia em perspectiva: ensino e pesquisa**. São Paulo: Contexto, 2002.

RODRIGUES, A. B.; OTAVIANO, C. A. Guia metodológico do trabalho de campo em Geografia. **Geografia**, Londrina, v. 10, n. 1, p. 35-43, 2001. Disponível em: http://www.geografia.seed.pr.gov.br/arquivos/File/hai_aulacampo_2012/guia_trabalho_campo.pdf. Acesso em: 10 out. 2021.

SANTOS, W. L. **Reflexões sobre a contribuição das Expedições Geográficas no campo da Geografia Física/CAGEO – UFPI**. YouTube, 25 mai. 2020. 2homin. 12s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vuWC75Ac5Ec>. Acesso em: 20 out. 2021.

SERPA, A. Trabalho de campo em Geografia: uma abordagem teórico-metodológica. **Boletim Paulista de Geografia**. [S. l.], n. 84, p. 7-24, 2017. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/boletim-paulista/article/view/725>. Acesso em: 10 out. 2021.

SOUZA, S. O., CHIAPETTI, R. J. N. O trabalho de campo como estratégia no ensino em Geografia. **Revista de Ensino de Geografia**, Uberlândia, v. 3, n. 4, p. 3-22, 2012. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Sirius-Souza-2/publication/265599152_THE_FIELD_WORK_AS_A_STRATEGY_IN_GEOGRAPHY_TEACHING/links/5414d1520cf2788c4b35aa44/THE-FIELD-WORK-AS-A-STRATEGY-IN-GEOGRAPHY-TEACHING.pdf. Acesso em: 10 out. 2021.

VENTURI, L. A. B. **Praticando a Geografia: Técnicas de Campo e de Laboratório**. São Paulo: Oficina, 2009.

Recebido em: 30/10/2023

Parecer em: 10/07/2024

Aprovado em: 10/08/2024